A CULTURA CEARENSE

Discurso no «Teatro José de Alencar»
— 10 de Novembro de 1938 —

pelo

PADRE MISAEL GOMES

Exmo. Sr. Interventor Federal

Digníssimas Autoridades civís, eclesiásticas e militares

Meus Srs.

No tempo que o Icó, rico, comerciante, era a princesa do interior, ostentando teatro menor em dimensões certamente, porem nos moldes do antigo de S.-Isabel no Recife, lá esteve o Dr. João Antônio Saraiva, a chefiar ilustre comissão. Esse hóspede notavel, irmão do estadista do Império Conselheiro Saraiva, quis apreciar o justo valor do icoense Simplício Delfino Montezuma, a cujo efeito pediu-lhe musicasse estrofes dos «Suspiros Poéticos» de Gonçalves Magalhães, intituladas «Cárcere de Tasso» e inspiradas na visita à masmorra de Ferrara, onde, durante anos, gemeu o poeta de Sorrento, criminoso de haver levantado olhos enternecidos à duquesa Eleonora Deste, a irmã do soberano Afonso II que o condenou.

Quando o jovem Simplício, com três dias, esteve no desempenho do cometimento, ante assembléia pasmada e sarau de escol, o mágico enlevo do clínico baiano viu o cearense entoar com voz de barítono a música do próprio engenho, que sublimava a poesia de Magalhães, no mesmo tempo que afinado violão supria a falta absoluta de uma lira.

Igual desempenho quisera, nesta noite cívica, dar à incumbência de duas prestigiosas sociedades, o Instituto do Ceará e a Academia Cearense de Letras.

Porem, aquí me vedes trêmulo e tímido, quasi esmagado sob o peso da generosidade e do dom que me fiaram: uma síntese da «Cultura Cearense» nesta sessão de gala de 10 de Novembro de 1938, primeiro aniversário da Constituição política vigente no País.

Este mesmo templo votivo da Arte, honrando as tradições da nossa gente, a figura lembra-me de Monte-Alverne no magnífico templo da Glória, para que eu repita com mais justeza: impossivel seria reconhecer um carro de triunfo neste palco em que, naturalmente, não me sinto ao gosto de meu gosto. Poderia então imitar os bardos do Tabor, cantores do Hermon e do Sinai, pesarosos, a cobrirem suas faces úmidas do pranto, largando os seus alaúdes, afrouxando-lhes as cordas ao sopro das tempestades.

De mim, porem, quero render preito aos homens e às idéias que nos dão realce no meio brasileiro, eficiente critério, conforme julgaram os diretores desta festa, de cultivar o sentimento patriótico.

Em todas as devesas, estua e cresce e arde um entusiasmo que leva a esperar no Brasil de amanhã, parecendo que assim seja pela unidade nacional, e pelo fortalecimento dessa comunhão.

* * *

Meus Senhores

Os cearenses têm traços inconfundíveis; como por que não se abram olhos debalde na Terra da Luz, Deus inflamou as nossas cabeças. Na história moderna do País, somos caminheiros, fundadores de cidades, arroteadores de campos, os desbravadores da Hiléia de Humboldt, semelhantes aos mamelucos no amanhecer do Brasil, quando em busca de ouro e pedras preciosas, «viu surdir o mundo novo a estirpe dos paulistas».

«Nascí no sertão cearense, exclamou o nosso Homero. A minha infância passei-a alí, ouvindo o canto dos pássaros e o mugido do gado... Depois, moço, forte, feliz, cheio de sonhos e de fantasias, comecei a rimar as cousas belas do meu sertão, os sorrisos das sertanejas, o heroismo dos nossos ca-

boclos... Mais tarde, já velho, vencido pelo tempo e pelas lutas, ceguei!... amando sempre, como se tivesse ainda os meus 30 anos de mocidade. Não vejo, é certo; mas sinto, sinto que me cercam afetos da família e carinhos dos amigos... E amo a vida! Amo-a, mesmo vivendo como vivo, no seio profundo da treva...» Assim recordou quem mereceu ainda o título de Béranger ou Mistral brasileiro.

Esta zona é conhecida pelos seus ares finos e secos, o firmamento calmo, sereno, matizado de estrelas; seus mares, os verdes mares de José de Alencar, patrono deste teatro e autor do «Iracema», romance que incontestavelmente é, no Novo Mundo, decantado e esplêndido poema. Inspirando-se na lenda primitiva do seu berço, Alencar ligou o nome da Terra Natal à jóia digna do seu gênio. Nela vemos «o Ceará que acorda sorrindo entre as lagoas tranquilas e as dunas de prata, entre os carnaubais gementes e as montanhas verdes, entre os carrascais agrestes e os vastos sertões batidos de sol». Como já disseram da obra de Garrett e sobretudo da de Camões, mais do que um literato, Alencar valeu uma literatura. O seu indianismo manteve-se único e inimitavel. Raro exemplo no Brasil, peregrina ilustração, com breve espaço de anos, José de Alencar exerceu influência sobre toda a vida intelectual e artística do País; recanto não ficou da vida brasileira onde ele não tivesse lançado um raio do seu espírito, ao dizer de Sílvio Romero.

Depois, nos claros feitos do passado insculpiu-se a nobreza da nossa linhagem. O Ceará admirou a bravura épica de um Titã ou Tristão, viu o gênio das batalhas em Tibúrcio e Sampaio, de mais a mais «sempre compareceu ao festival das conquistas cívicas pela pujança da sua intelectualidade».

«É uma raça de poetas — disse o autor dos *Cantadores, Violeiros* e do *Sertão Alegre* — a que, desprotegida de Deus, tanto sofre e faz do seu martírio o motivo de suavíssimas canções.» Mais imparcial talvez o testemunho de Rodrigues de Carvalho, porque não é daquí — No Ceará, disse ele em *Cancioneiro do Norte*, a vocação poética é quasi uma característica dos filhos da terra. Nas cidades sonhadores

amorosos; nos sertões, nas praias, nas serras, a poesia anônima, feliz ou humorística:

Quando eu me for dessa terra
Sairei dela voando
Pra que as aves te digam
Que me encontraram chorando.

Em Taboleiro de Areia no Aracatí, filósofo sertanejo descantou ao pé da viola:

No ventre da Virgem pura
Entrou a divina graça;
Como entrou tambem saiu,
Como o sol pela vidraça.

Tão nobre idéia pode-se rever, desde muito existente, em clássico latino. Incrivel que simples matuto iletrado a transfundisse para a musa sertaneja; mais provavel é a coincidência dos gênios.

Timbre do cearense, a sua espontaneidade na alegria, em tempos de inverno, quando transborda a clorofila dos seios da terra; o sentimento, o ardor, a ironia de suas produções, cujos traços de origem se ocultam, misteriosamente; consignemos caratei dos mais acentuados das nossas letras, a índole regionalista, denunciadora de fundo amor ao torrão natal.

O Dr. Tomaz Pompeu de Sousa Brasil, antigo presidente da Academia Cearense de Letras, salientou que nunca faltaram entre nós operosas cerebrações «sistemáticas, lógicas, investigadoras na faina das reconstruções ou das descrições fisiográficas do solo natal e das tradições longínquas, apuradas ao sol da crítica histórica».

Sim, a história, a climatologia, a etnografia, a geologia, a economia e a geografia continuaram a ter seus cultores em obras várias da família Pompeu, do Barão de Studart, Rodolfo Teófilo, Antônio Bezerra, Perdigão de Oliveira, João Brígido, Paulino Nogueira... Mas, resume Clovis Bevilaqua, se o Ceará outra cousa não tivesse produzido em benefício da civilização pátria, senão José de Alencar e o desbravamento das florestas do Amazonas, já teria legado ao País dous tesouros de incalculave. opulên-

cia. Fato equiparavel à colonização do Amazonas, por sua repercussão na vida política do País, ainda que de vulto menor, foi a libertação dos escravos de toda a Província, antes de qualquer outra.

«Bendita seja, digamos com Gustavo Barroso, essa raça que libertou escravos e dominou o mar sobre os seis paus toscos das jangadas! que deu à Pátria soldados como Tibúrcio, poetas como Alencar! Bendita a terra, Terra da Liberdade, Terra da Luz, Terra do Sol, Terra do Martírio! Benditotu, Ceará, Saara do Brasil, que o esforço de várias gerações de filhos dedicados tem fecundado em patriotismo, em heroismo, em abnegação e em amor!»

Meus Srs. Incontestavel a sua atividade nas ciências, letras e artes, à gleba cearense coube na Federação brasileira, já vos disse, a honra de ser o berço do maior romancista, José de Alencar, brilhando por entre um Franclim Távora, Domingos Olímpio, Adolfo Caminha, Antônio Sales e, se quisermos aumentar os fulgores da constelação, citemos, citemos ainda Oliveira Paiva, Papi Júnior, Rodolfo Teófilo... berço do maior historiador brasileiro, Capistrano de Abreu; do maior jurisconsulto, Clovis Bevilaqua, autor do projeto do Codigo Civil, a nivelar-se com sumidades mundiais, num remígio cortejado pelos nomes de Liberato Barroso, Alencar Araripe e Raimundo Ribeiro, professor este que, por vaidade de erudição, recítava de cor aos díscipulos da Faculdade de Direito páginas de Gaio e de outras fontes tão antigas; berço do maior matemático brasileiro, Oto de Alencar; do maior filósofo, Farias Brito: êste, conforme Jackson de Figueiredo, libertou-nos do agnosticismo positivista, que enfermava a consciência nacional; berço de um apreciador crítico, visão serena e culta, qual foi Araripe Júnior; do maior oftalmologista, Moura Brasil; alem de Alberto Nepomuceno, figura de destaque na música; José Avelino, João Brígido e Valdemiro Cavalcante no jornalismo; Heráclito Graça, na filologia; Paula Nei, na sátira; Justiniano de Serpa, na tribuna do parlamento...

E se Alencar evocou: «Quando te tornarei a ver, sertão da minha terra, que atravessei há tantos anos na aurora serena e feliz da minha infância? quando

tornarei a respirar tuas auras impregnadas de perfumes agrestes, nos quais o homem comunga a seiva dessa natureza possante?» tambem Moura Brasil, o sábio, escreveu que, em princípio de 1846, teve a fortuna de respirar ares cearenses no pequeno povoado de Caixa-Só, hoje vila de Iracema, onde tantas vezes expandiu-se desatenta a sua infância.

Na evolução até agora de 335 anos, desde os mais rudes inícios, o Ceará concorreu para desenvolver e enaltecer o progresso brasileiro. Agora a mocidade revela o luzimento da sua cultura em trabalhos da imprensa, cujos orgãos se multiplicam relativamente adiantados, notando-se que o 1.º jornal começou aquí em 1824. Bem de-pressa surgiram talentos, e continuam nas páginas dos diários e das revistas. Houve e há energia motriz, carater, inteligência e valor. Isto me encanta a mim que sou dos que esperam da sua influência, creem na ação benéfica, conquistadora, prodigiosa da mocidade e da boa imprensa, tanto mais em terra como a nossa, rica nos elementos de singular epopéia, que se sobrepõe à expectativa ansiosa vez por outra, de novo ciclo, novas tragédias. «A afluência dos jornais, discutindo as queixas dos partidos, afirmou João Brígido sobre certa de nossas épocas, foi como uma válvula para os ódios individuais, cortando nas vinganças à mão armada; e a maior difusão do ensino operou nos costumes, a partir de 1850, uma transformação sensivel, quiçá o desarmamento dos sertões. O assassinato e as violências com que os poderosos muito tempo se fizeram temer, quasi desapareceram, para darem lugar a outras manifestações de índole cearense, ardente e predisposta a todos os perigos e aventuras». Presentemente, o sertanejo se volta para os esplendores da civilização a fim de adaptá-la ao município ou povoado que habita, no que muito tem sido de estimar a propaganda da imprensa, do jornal.

Resumo. Do Nordeste a onda revolucionária que, em 1930, subverteu a própria zona, e inoculou sangue novo, vida nova à República, acabando por implantar regime que forceja por amoldar-se às novas realidades.

Amargas provações venceu o Brasil. O Estado

Novo já completou o seu 1.º ano sob a égide da carta de 10 de Novembro de 1937.

Na região do Nordeste, conforme afirmou há pouco sábio autêntico, é, fora de qualquer dúvida, onde reside o futuro da nacionalidade.

O Ceará herdou a constância da filha de Araken, a formosa tabajara, de par com a têmpera do aventureiro lusitano, num caldeamento de raça céptica e exausta na aparência, em realidade disposta, heróica e ardente.

Ceará! quando te ausculto, não descreio. Tu, oh! minha Terra, a quem a Providência dadivou, qual escrínio do nosso patriotismo, o contorno ou feitura geográfica de um coração, permite esta figura recorde sempre, como verdadeiro talismã, porque «o coração é orgão da fé, orgão da esperança, orgão do amor» (1): e coroas não ambiciono para mim, para ti somente, pela tua grandeza e prosperidade, pela glória imarcessivel de teu nome e do teu povo!

(1)—*Rui Barbosa.*